

## CORPOS HIPERTEXTUALIZADOS: INSCRIÇÕES E COMPOSIÇÕES DE SI NO CONTEMPORÂNEO

Alexandre Luiz Polizel  
Moises Alves de Oliveira

**Resumo:** Ao considerar as dinâmicas ciberculturais contemporâneas, compreende-se que são acionados outros modos de interação e experimentação da existência. Tais modos são atravessados por corporificações outras – dos saberes, poderes, verdades, existências... – e com isso instauram perceptos distintos da constituição do conhecimento na contemporaneidade, das educações e das ciências. É dessa óptica que este manuscrito emerge, com o intuito de traçar explicações do funcionamento do que tratamos como uma tecnologia da hipertextualidade. Concepto que emerge da imersão realizada em um grupo na rede social Facebook – o Vale –, por meio de uma hermenêutica inspirada em Bruno Latour e Michel Foucault. Tais explicações são organizadas neste manuscrito em três eixos analíticos: a) Dos textos ao corpo; b) Hipertextualização corpórea e c) Cartografias e conexões.

**Palavras-chave:** Educação; Cibercultura; Corporificação; Virtualidade.

**Abstract:** Considering contemporary cybercultural dynamics, it is understood that other modes of interaction and experimentation of existence are triggered. Such modes are crossed by other embodiments - of knowledge, powers, truths, existences ... - and with this they establish distinct perceptions of the constitution of knowledge in contemporary times, of educations and of sciences. It is from this perspective that this manuscript emerges, in order to draw explanations of the functioning of what we treat as a technology of hypertextuality. A concept that emerges from the immersion performed in a group on the Facebook social network - the Vale -, through a hermeneutic inspired by Bruno Latour and Michel Foucault. Such explanations are organized in this manuscript in three analytical axes: a) From texts to the body; b) Body hypertextualization; and c) Cartographies and connections.

**Keywords:** Education; Cyberculture; Embodiment; Virtuality.

## ANTEÂMBULO

Este manuscrito é parte constitutiva de uma investigação maior, desenvolvida no processo de mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, com a preocupação de compreender: Como os corpos constituem-se nas virtualidades? Tal pergunta tem um interesse, no sentido de se interessar pela compreensão do funcionamento de um sistema que corporifica - o pensamento e o ser – e com isso, as educações e as ciências (FOUCAULT, 1986; LATOUR, 2011).

O trabalho desenvolvido, intitulado *Corpos e Bio-virtualidades: Pedagogias do eu no vale dos homossexuais*, teve tal compreensão como objetivo, levantando cinco modos de produção que constituem os corpos a partir de espaços-dinâmicas ciberculturais<sup>1</sup>. Na compreensão deste modo de produção foram demarcadas cinco tecnologias – considerando tecnologias como modos de produção e constituição de discursividades e subjetividades (FOUCAULT, 2014a) -, e neste manuscrito temos por intuito traçar as considerações de uma destas tecnologias de corporificação na virtualidade: A tecnologia da hipertextualidade<sup>2</sup>.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

*Deixe-me mostrar!*

- Bruno Latour

Defronte a uma tela, rolo a linha do tempo (*timeline*) do grupo, localizado na rede social Facebook. Esse é o Vale e o que percepto são imagens projetadas na tela de meu *notebook*. Fotografias, nomes de usuários, endereços eletrônicos que direcionam a outras páginas, textos... Um conjunto de combinações e de possibilidades de os corpos efetuarem-se são possíveis nessa plataforma.

---

<sup>1</sup> Compreende-se aqui ciberculturas como novos modos de experiências que são mobilizadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, visto que estas deslocam novos modos de se relacionar, de experimentar o tempo-espaco e constituir culturas outras (LÉVY, 1996; SIBILIA, 2016)

<sup>2</sup> Esta tecnologia encontra-se discutida no capítulo V – *Corpos Hipertextualizados*. A tecnologia da hipertextualidade, da dissertação intitulada *Corpos e Bio-virtualidades: Pedagogias do eu no vale dos homossexuais*.

Com as teorizações de Bruno Latour (2012; 2013b) e Michel Foucault (2014b; 2015), podemos pensar os corpos na cena, considerando que esses se fazem enquanto efetuam alguma ação eventualizada em uma rede, localidade e coletividade. Sua produção dar-se nas relações tecnológicas, deixando rastros que podemos seguir a fim de indagar-nos sobre quais ações dos corpos que se relaciona(ram) e constituíram-se. Estes vestígios nos deixam muitas pistas, que se decalcam na superfície à medida que os corpos agem, que atuam: corpos-atores (LATOURE, 2012).

Esses atores só mobilizam suas movimentações conforme são agenciados, ou seja, que têm suas vontades interessadas e colocadas a agir. Ao agirem, levam consigo um complexo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção, nunca estando “[...] sozinho ao atuar” (LATOURE, 2012, p. 75) – são ações coletivas. Portanto, o corpo é corpo-ato e coletivo, sem qualquer essencialidade. À medida que este corpo se torna assujeitado, sob processos interessados e negociados, este compõe um Eu, um Eu-ato, visto que se faz Eu à proporção que age via processos de (des)assujeitamento.

Vê-se, assim, que esses fazerem-se em ato consistem em processos de conexões. Neste sentido, conexões, Eu's, assujeitamentos, ações... são constituídos e constituintes via tecnologias. Tecnologias que engendradas produzem saberes, poderes, instrumentalização e atitudes, constituindo: pedagogias.

Neste manuscrito, volto meu olhar a uma tecnologia – no que toca um modo de produção – constituinte do corpo na virtualidade, seu modo de ver-se, aprender-se e interpretar-se: a Tecnologia da Hipertextualidade. Esse é o objetivo deste hipertexto, traçar explanações de seu funcionamento e de seus efeitos nos olhares às ciências e às educações, embora preferisse dizer, aos pensamentos. Para tal, organizo o textual em quatro eixos: a) Percursos metodológicos; b) Dos textos ao corpo; c) Hipertextualização corpórea e d) Cartografias e conexões.

## **PERCURSOS METODOLÓGICOS**

No que toca a reflexão acerca dos movimentos de produção de corpos, de compreensões da realidade – de si e dos outros – e das pedagogias culturais que circundam os espaços ciberculturais, vê-se a necessidade de situar o campo de onde falamos e à qual voltamos nosso olhar para pensar a tecnologia da hipertextualidade

na cibercultura. Neste sentido, para pensar o percurso metodológico empregado, vemos a necessidade de situar o campo: o campo do qual falamos e do qual emergimos.

Compreendemos a cibercultura como uma nova dinâmica de constituição de culturas atravessada pelas novas tecnologias de informação e comunicação - TIC (NEGROPONTE, 1995). Estas permitem outras relações com a virtualidade e presentificação. Observa-se que a virtualidade e presentificação não são modos recentes de experimentar o pensamento, mas estas tornam-se intensificadas com as TICs.

Pierre Levy (1996) pontua que a virtualidade consiste em uma interação de espaço-tempo com a (des)atualização. O virtual consiste no que opera em um complexo problemático, um processo que se desloca do aqui e agora para uma desterritorialidade. Rompe com os limites epistêmicos vigorantes que definem o espaço-tempo: o virtual torna-se o não presente, a potência que pode vir a tornar-se presente, mas que não está. A presentificação/atualização é o processo que torna o virtual presente, atualizável, localiza-o e o dá um campo para operação. Esta presentificação não é feita facilmente, ela necessita de um conjunto de instrumentais que possibilitam localizar e visualizar o virtual, por meio de processos transformativos que o fazem atuais. É deste olhar que visualizamos as redes sociais como um espaço, e também como uma organização espaço-temporal que permite os processos de virtualização e presentificação/atualização. Neste território desenvolve-se outras relações constitutivas de cultura, do pensar, do fazer-se – outros modos de corporificação. É deste campo que falamos, no qual pensamos.

Mas olhamos para um campo, que possibilita compor a narrativa, no fazer compreender o funcionamento da corporificação na virtualidade e também *fazer mostrar* o operativo. Não se pretende aqui uma longa descrição de funcionamento, mas, sim, entende-lo por meio de chaves conceituais, que emergem do encontro do campo e das literaturas, que calibraram a analítica desta investigação.

Tais análises emergiram de um (ciber)espaço intitulado o Vale<sup>3</sup>. Vale, pois, consiste em uma localidade de topologia específica, um espaço em que os seres

---

<sup>3</sup> Esta investigação tem como base a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016; que trata sobre a ética nas pesquisas nas áreas de Ciências Sociais e Humanas. A analítica desenvolvida neste trabalho tem

viventes interagem entre si, as montanhas selecionam a entrada de quais membros poderão transitar em tal espaço e, os córregos garantem fluidez e fluxos no mesmo. Vale por caráter de autoidentificação, espaço em que os membros do próprio grupo se referenciam como percententes ao Vale dos Homossexuais<sup>4</sup>.

Este vale consiste em um grupo localizado na rede social *Facebook*. Tal grupo foi eleito à esta pesquisa, pois: a) consiste em um grupo com amplitude significativa, composto por 953.096 membros; b) os membros colocam-se como alinhados aos movimentos pró-diversidade e direitos humanos – o que pode conferir uma maior pluralidade de sujeitos e c) pelo fato de que o pesquisador se encontrava imerso no grupo desde a sua criação, em 2013.

A análise deu-se pela imersão do pesquisador no grupo, sendo consideradas as interações neste espaço entre os anos de 2017 e 2018. O Vale, visto a amplitude numérica de membros, apresentava grande fluxo de novas publicações e interações para com estas. O *Facebook*, em seus grupos, organiza-se algorítmicamente deslocando ao topo as postagens com maior número de interações, assim como as mais recentes. Tais aspectos funcionais dificultam a organização de uma metodologia estruturada e fixa, o que levou a investigação a guiar-se por uma analítica inspirada nos Estudos Culturais e nas Filosofias.

Assim, buscamos a utilização de uma lente analítica valendo-nos da perspectiva do “Diagnóstico do Presente”, ancorada nos estudos de Michel Foucault (2015; 2014a; ARTIÉRRES, 2004), considerando aspectos genealógicos voltados à recusa de uma ideia de origem, bem como centrados nas noções de proveniências e emergências de corpos que fazem-se. Proveniências que consideram a inexistência de categorias de semelhança e continuidades e, inclinam-se a observar marcas sutis,

---

por finalidade aprofundamentos teóricos que emergem espontânea e contingencialmente da prática profissional e de fenômenos cotidianos, comprometendo-se com a não identificação dos sujeitos – não sendo então avaliada pelo Comitê de Ética e Pesquisa. Assim, atribuímos ao grupo um nome fictício e removemos as possibilidades de identificação dos indivíduos envolvidos no processo investigativo (como nomes, fotografias pessoais, endereços eletrônicos e até mesmo imagens de pessoas públicas presentes nas postagens).

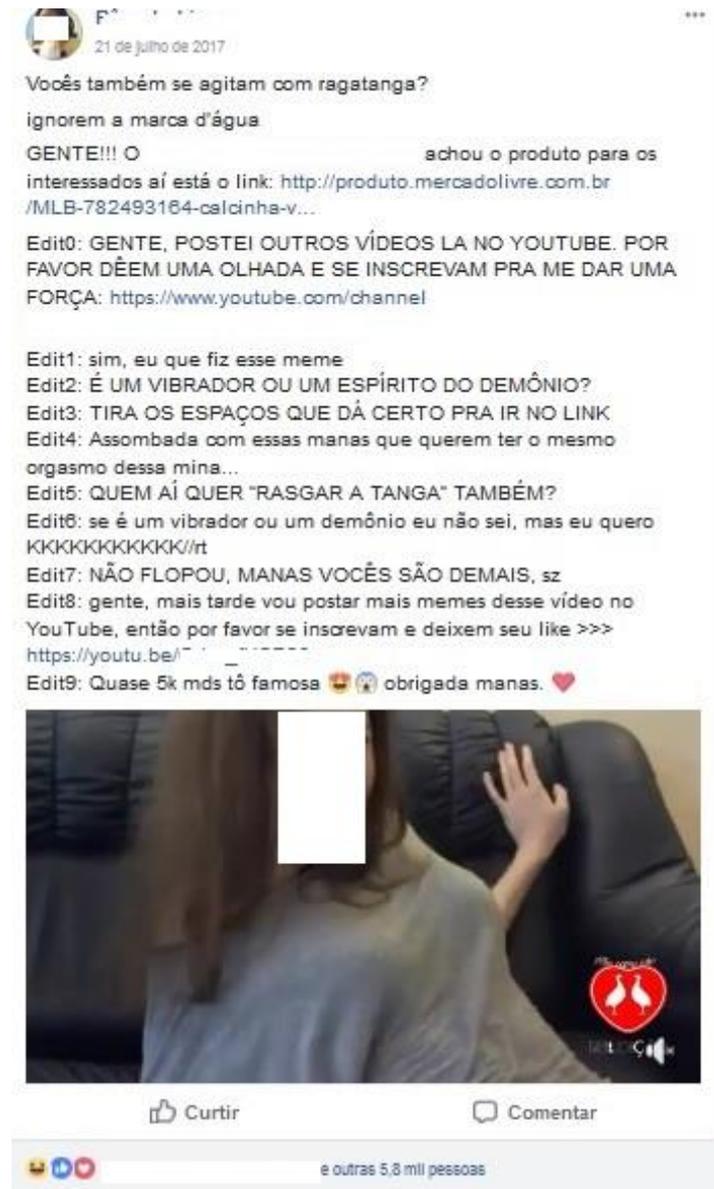
<sup>4</sup> O Vale, neste sentido, tem como referência o Vale dos Homossexuais – espaço instituído na discursividade de vertentes cristãs que apontam este como território de sofrimento e condenação às pessoas que vivem prazeres homoafetivos. Utilizamos o termo homoafetividade, compreendendo que estas religiões identificam os modos de existência gays, lésbicos, bissexuais e de pessoas trans como relações homoeróticas/homoafetivas. Assim, ao usarmos o termo homoafetividade, fazemos com o intuito de que este abranja as múltiplas categorias identitárias, pertencentes às minorias sexuais, que se desviam de operar sob a lógica de uma identidade heteronormativa.

singulares e produtoras de diferenças – do corpo que se relaciona consigo mesmo. Logo, se o corpo articula-se consigo mesmo e produz diferenças, este articula-se em um contexto histórico, localizado e, portanto, emerge-se desta articulação.

Articulamos, então, às marcas e aos rastros do corpo e no corpo, via publicações que mostravam-se como caminhos possíveis para compreender sua (re)presentificação. Para tal decalque e interpretação das marcas e dos rastros, buscamos guiar-nos por uma lupa, chaves conceituais que nos auxiliam como instrumentais. As chaves lançadas para a compreensão deste funcionamento inspiraram-se em conceitos trazidos por Bruno Latour (2008; 2011; 2012; 2013; 2017) e Michel Foucault (1986; 1992; 2005; 2014a), especificamente como ambos compreendiam escritas e textualidades corpóreas – conceitos que são desenvolvidos neste manuscrito em conjunto com as analíticas que seguem.

## **DOS TEXTOS AO CORPO**

Quando voltamos nossos olhos a uma tela de computador que nos apresenta imagens que se associam ao processo pensamento, o que temos é uma efetuação de atores semióticos que se apresentam a nós. Atentemo-nos a um caso no qual me deparo no Vale (Fig. 1):



**Figura 1.** Corpo e Semiose

Essa é uma publicação veiculada no Vale, que teve interação com, no mínimo, 5,8 mil pessoas. Chamaremos a autora da postagem de Aline. Ela é visualizada com uma foto, um nome, textos, uma postagem e um vídeo adicionado a ela. Aline apresenta-se no grupo como uma publicação, com as opções de curtir, reações, comentar. Aline tem sua existência perceptada à medida que seu corpo deixa rastros, no instante em que esse se inscreve.

Esse processo, do inscrever, consiste em associações que possibilitam que o corpo de Aline se faça, por meio de um conjunto de instrumentos-atores, que se combinam, e, que produzam essa inscrição. Nesta continuidade, a inscrição consistiria

na produção de um enunciado via a conexão entre “[...] centenas de artefatos” (LATOURE; WOLGAR, 1997, p.91), que proporcionaria, em “algo” que supostamente seria invisível, presentificar-se e tornar-se visível em texto, à medida que esse “algo” se torna um ator semiótico exibido nas telas de quem possui acesso ao Vale.

Inscrição, movimentação que produz o enunciado e compõe a materialização e formalização do fenômeno estudado – nesse caso de Aline. Tal criação de uma formabilidade estabelece-se como uma relação direta entre o inscrito e o fatídico, servindo para convencer “[...] os outros da importância do que fazem, da verdade que dizem” (LATOURE; WOLGAR, 1997, p.68). Uma estratégia retórica, enquanto “[...] prepara, focaliza, corrige e ensaia a visão” (LATOURE, 2011, p.101), levando a responsabilidade do reconhecimento daquilo como um fato ao observador, pois não confiar nesse inscrito seria não confiar em seus próprios olhos. É também uma estratégia política (STENGERS, 2002), visto que consolida a representação de um fato que sai vitorioso, que garante sua existência conforme se associa com o conjunto de artefatos que a levam à materialização, corporificação. Aline é inventada com testemunhas fidedignas capazes de lhe instaurar como corpo-aparência nessa postagem.

Ressalta-se que o processo de inscrição se dá via dispositivos de descrição (LATOURE, 2011; LATOURE; WOLGAR, 1997), remetendo-os a um conjunto arquitetônico-instrumental-discursivo (FOUCAULT, 2014b), que possa dar materialidade a um corpo, a um ator, sob formato de texto. Esse texto corresponde a um processo de mostraçã, podendo estar representado sob forma gráfica, pontos, traços, letras, quadros, tabelas, fotografia... Se levarmos a um radicalismo da textualidade, podemos referir que qualquer produção, realizada em associação com um *hardware* e um *software* computacional, é um processo de inscrição que torna o ato de interação sensório com o instrumento em uma base de códigos binários representados por textos-energias.

Ao voltarmos nosso olhar para o exemplo de Aline, essa só se faz enquanto se compõe como texto, que reúne escrita, vídeo, fotos, reações e comentários. Se Aline não fosse inscrita pelo conjunto de instrumentais, tornando-se um ator semiótico, não seria produzida como texto, reconhecida como fato e como Eu existente. Isto ocorre

na associação com outros dois movimentos: a) A relação entre enunciação, visibilidade e verdade e b) A produção de um quadro de referências.

Vê-se que o corpo que se faz visível faz-se enunciável e

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo da memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.” (FOUCAULT, 1986 p. 32)

Esse enunciado, para Michel Foucault (1986; 2014b; 2015), é tomado como verdadeiro à proporção que atravessa um complexo jogo de regras, instrumentos, definições e instauram-se como passíveis de serem (re)conhecidos em sua função positiva – enquanto for perceptível, visualizável e tomado como verdadeiro. Seu reconhecimento como verdadeiro dar-se ao instaurar uma política do convencimento, sentido no acreditar naquilo que é visto-enunciado; e ao instaurar uma suposta coerência entre o que é dito e sua relação com a vida (FOUCAULT, 2014a; PORTO, 2015).

Tal relação com a vida dar-se à medida que compõe um quadro de referências, ou seja, à proporção que torna possível o rastreamento da produção desse Eu-Aline vislumbrado pelo enunciado-inscrição, materializado via um dispositivo de inscrição composto pela associação de múltiplos instrumentos-artefato que perceptam e registram esse eu baseado na atuação de um corpo-ator. Essa relação, do visto-enunciado-inscrito como fato-verdade e de sua relação com o mundo, só é possível pela possibilidade desta “rastreadabilidade de referências” (LATOURETTE, 2017, p.61).

Ao pensarmos este processo de materialização, via inscrição, como um suposto operante para as constituições dos corpos nas virtualidades, estamos considerando um movimento de hibridização entre o que é presente e o virtualizável – hibridização que pode ser seguida via essa rastreadabilidade de referências.

Entretanto, como nos contribui Pierre Lévy (1993; 1996; 2000), as dinâmicas de virtualização e de efetuações no ciberespaço dão-se por meio de hipertexto, assim, o corpo faz-se inscrito e hipertextualizado.

### **Hipertextualização corpórea**

A hipertextualização consiste em um mote reflexivo para pensar como as inscrições produzidas nos encontros dos corpos-artefatos fazem-se na virtualidade. Desse modo, faz-se necessário compreender como a passagem de uma relação do eu que se inscreve em texto se desloca a outros modos de ser e compõe uma tecnologia da hipertextualidade como modo de efetuar-se.

Quando voltamos a pensar uma hipertextualização, consideramos o prefixo *Hiper*, que nos remete a consideração de uma intensidade, ou melhor, de uma intensificação. Pierre Levy (1993; 1996; 2000) e Nicholas Negroponte (1995) apontam que o registrar-se como corpo, e ler-se em forma de texto, mostrava-se como característica, uma organização linear, hierarquizada e contínua. Essa organização fazia com que a obra fosse lida em sua linearidade, pois era estruturada como tal, tornando-se necessário a analítica de todo o registro. Esse manuscrito mostrava-se organizado espacialmente, a fim de que toda a inscrição apresentasse um percurso certo e um caminho único.

Destarte, uma subjetividade produzia-se tendo como mote a organização de um único trajeto, com início e fim. Essa perspectiva reiteraria a ideia de uma suposta solidez, hierarquia e centralidade, na efetuação do inscrito. Um só registro, um só caminho, um só corpo, um só trânsito para localizar a referência – nos levaria a uma óptica representativa. É como se Aline pudesse ser apenas um texto, composto apenas por palavras, organizadas em uma ordem linear-una: “O texto representa o que ela é em sua ausência”.

Ao considerar a inscrição, em sua relação com a hipertextualidade; e pensando em intensidades, a representação de algo em sua ausência deixa de fazer sentido e passamos à reflexão de que a intensidade desta inscrição constrói Aline – uma lógica do discurso (FOUCAULT, 1986; 2015; LATOUR, 2014b; NIETZSCHE, 1974).

Assim, considerar o hipertexto é levar em consideração de que as discursividades formam os corpos e que este mote de produção apresenta um modo de operação diferente da organização textual.

O autor Pierre Levy (1993; 2000) aponta que o hipertexto apresenta uma maquinaria, um engendrar, que consiste em uma relação de nós e conexões. Os nós, consistem em artefatos como imagens, gravuras, documentos complexos, sons e palavras. Esses são conectados entre si, via as conexões. Essas conexões seriam possíveis via processos de articulação. O processo de articulação é apresentado por Stuart Hall (1980; 2003) como um processo de posicionamento dos corpos-sujeitos a fim de constituir uma unidade localizada em determinada contingências-circunstância. Neste processo, distintos elementos-instâncias são unidas em uma composição, sob a aparência de suposta estabilidade a esse algo constituído.

Neste sentido, os diferentes nós seriam conectados, organizando um conjunto de conhecimentos, dados e informações carreados via inscrições, compondo uma outra inscrição. Como visualiza-se no recorte apresentado de Aline: fotos, nomes, textos, imagens, vídeos, reações, diferentes inscrições são conectadas e produzem uma inscrição outra. Essa não consistindo em um texto obra inteiro e linear, mas em um fragmento. Esse fragmento, composto de múltiplas inscrições que se associam-articulam, podem levar a diferentes lugares. Se clicarmos sobre o nome Aline, seremos levados a outra localidade, ao perfil de Aline, outra inscrição. Neste perfil, são apresentadas várias postagens que o compõe, cada postagem é outra inscrição. Se clicarmos sobre a fotografia de Aline, seremos levados a um álbum, com várias outras fotografias da mesma. Se clicarmos sobre o vídeo esse será exibido e, outros vídeos sugeridos em sequência. Outra possibilidade seria o acesso aos comentários em que diferentes fotografias, nomes, textos e imagens seriam apresentados.

Com o hipertexto as possibilidades são multiplicadas, visto que o inscrito perde o caráter linear, hierárquico e de única trajetória e passa a ser volátil, fragmentário, não hierárquico, descentralizado... Há um borramento na noção de tempo, levando-nos a noção de duração – o que é, é no momento, na efetuação, à medida que se faz atual (LEVY, 1993; 1996; 2000).

A própria limitação, de considerar a demarcação do Vale como espaço de investigação e de composição desse corpo, passa a vazar, à proporção que o

hipertexto mobiliza outras redes sociais, à medida que compõem a postagem, como podemos ver no seguinte caso (Fig. 2):



**Figura 2.** Corpo e Hipertexto

Outras redes sociais são inscritas e somam-se às postagens. Vê-se um *print*, um recorte imagético, do aplicativo de comunicação *WhatsApp*. Aplicativo voltado a conversas pessoais, que só ocorrerão caso as pessoas tenham registrado o número de celular de outrem. Evidencia-se que espaços pessoais passam a ser plotados, registrados, recortados e utilizados para compor postagens no Vale.

A operação do hipertexto passa, então, a ser eventualizada via associações, articulações e conexões, o que nos leva a uma outra perspectiva do corpo-sujeito-Eu.

Esse encontra-se fragmentado em trilhas, teias, blocos de textos, que são *linkados* em diferentes espacialidades. Na virtualidade, Aline será a sua composição hipertextual e milhares de fragmentos-inscrições que seu corpo compõe. Aline existirá para o Outro a partir de quais fragmentos-inscrições de si afetar o Outro. Aline torna-se múltiplas composições, o que também se arrasta para um caráter ético-político, visto que tanto Aline, quanto os Outros, podem fazer opções de quais trajetórias-conexões traçar e com quais se articular-afetar. Esse outro modo de compor-se e existir, leva a outras subjetividades-subjetivações, a outros modos de assujeitamento.

### **Cartografias e edições**

A tecnologia da hipertextualidade, como produção que constitui as Pedagogias do Eu e que opera na instauração dos corpos na virtualidade, atua tendo como feixe de funcionamento a inscrição e a hipertextualidade. Suas combinações vertem-se a movimentos descontínuos, voláteis, de articulações-conexões e produções de atores semióticos, no fazer-se visível.

Nessa tecnologia vemos efetuação de uma política da tão conclamada visibilidade, alinhada às tecnologias confessionais e a *fanficcionalização* do Eu, ou seja, o Eu encontra-se sempre em associações com outros atores, produzindo inscrições-imagens de si, confessando por meio destas e produzindo verdades sobre si. Essas criações de fragmentos-inscrições são atos artísticos de criação de si (FOUCAULT, 2005).

Dessa forma, à medida que produz inscrições de si, enunciações e compõe-se, potencializa-se a possibilidade de verter o olhar a si, de visitar-se e de ser visitado pelo Outro (LATOURE, 2011; FOUCAULT, 1992; 2005; 2014a). A produção dessa inscrição e suas conexões com outras inscrições de si, via a hipertextualização, cria também um mapa de si.

Evidencia-se no Vale que este retorno a si é constante e, que a inscrição é, continuamente, refeita via o instrumento de *edição*. Vê-se nos recortes aqui apresentados, como, por exemplo, a inscrição-corporificação de Aline, que seu voltar a si mesma também deixa rastros e é perceptível, visto que esses marcam seus retornos escrevendo *Edits*. Essas edições são numeradas a cada retorno que é feito

e esses retornos são catalisados pela interação de outros corpos-Eu com a postagem inicial – via comentários ou reações.

Vejo, neste tocante, três possibilidades interpretativas para esse movimento: a) Um espetáculo de si; b) Um (auto)disciplinamento de si e c) Uma defesa de si. Sendo que os três movimentos podem ou não se relacionar e têm como mote que os regimes de visibilidade se centram na produção de uma estilística, em que o aparecer é crucial.

Dessa maneira, ao considerar as edições como uma produção espetacular, vejo-me inclinado a leitura desse agir sob ópticas construídas em consonâncias com Guy Debord (1997), Paula Sibilia (2015; 2016) e Bruno Latour (2008; 2011; 2012; 2013a; 2013b). Sob essas inspirações, considera-se que as sociedades contemporâneas são incitadas pela luz, pelas emissões luminosas que nos desenvolvem um *sensus* fotofilico (NIETZSCHE, 2008a). Nesse modo, passamos a existir enquanto somos percebidos, que nos tornamos múltiplas inscrições e nos proliferamos pelo mundo. Existimos à medida que somos vistos e lembrados, por isto nos esforçamos em tornarmo-nos cada vez mais atrativos, produzimos mais inscrições de si, em diferentes nós, espaços e durações.

O não ser visto, seria semelhante a não existir e, então, necessitamos estar constantemente com os holofotes voltados sob nós, conclamando: *Prestem atenção!* Assim, a busca por existência torna-se também a busca por capturar a atenção do Outro. À proporção que reagem<sup>5</sup>, que comentam, compartilham, falam do corpo, esse mantém-se em percebido por alguém e, portanto, continua a existir. Para manter-se em foco, o corpo reage, cria mais inscrições, responde aos estímulos luminosos na tela de seu computador. Torna-se desesperador não ser notado e nessa continuidade, o movimento continua agenciando vontades a manter as relações – via edições.

Quanto mais pessoas falarem deste corpo-Eu, ter-se-á um maior tempo de existência, vislumbre e captura do Outro. Aqueles que reagem e comentam, também se tornam visível por participar deste movimento e, como também, fazem-se existir.

---

<sup>5</sup> Demarco aqui o uso de Guy Debord (1997) considerando que os corpos tornam-se imagens e são reconhecidas como existentes à medida que se articulam e são vistas no espetáculo, capturando atenções. Todavia, distancio-me da ideia de passividade dos corpos, pontuada pelo autor. Quando o autor desenvolve suas teorizações a respeito da Sociedade do Espetáculo, o mesmo vale-se de mote analítico da televisão, rádios, novelas e imprensa, considerando que os espectadores são passivos esperando mais espetáculos. Considero que, nas redes sociais, os espectadores também são espectados e em sua ânsia para produção de espetáculos e serem notados, os mesmos precisam (re)agir constantemente a fim de manter-se em evidência – saindo do campo da passividade.

Todos reforçam-se e têm as luzes voltadas para si, no desespero de estarem sozinhos e não serem notados em meio às multidões.

Essas respostas espetacularizadas reverberam em um disciplinamento, à medida que se responde aos conclames dos corpos-Eu em interação. Michel Foucault (2014b, p.133) pontua que as disciplinas consistem em “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. Estes disciplinamentos dão-se ao passo que incentivam determinados modos de agir e existir, elegendo-os como legítimos e valorados. Neste sentido, os encontros com os comentários e as edições de si, atravessam os corpos e guiam condutas.

Essas condutas, dão-se reiterando os anseios das vontades dos que se relacionam com o corpo-Eu nos comentários, mas, também, são atravessadas pelas técnicas de si, à medida em que o corpo-Eu volta o olhar para si, medita, treina e inscreve a si de outra forma. Esse processo de voltar a si torna-se um exercício, a cada vez que uma nova edição é produzida, um novo corpo-Eu é (des)(re)composto (FOUCAULT, 1992). Esse disciplinamento, assim, é um espaço de negociações, em que o entendimento e a composição do corpo-Eu traciona o que está dedicado a ceder ou não às vontades dos Outros.

Destarte, em meio ao espetáculo e o (auto)disciplinamento, resvala-se também em uma defesa de si. Este processo de defender a si reitera que a produção de uma inscrição opera por uma relação de correspondência, de instituição de um quadro de referências que pode ser rastreado até chegar ao corpo. Neste sentido, a (des)(re)construção de inscrições é também uma reiteração de si, uma mostra de ‘Eu encontro-me deste modo, eu componho-me deste modo, podem rastrear!’. Esse processo de edição, desse modo, retoma uma afirmação de si. Vemos por exemplo, um enunciado que é comum nas postagens com edições (Fig. 3):



**Figura 3.** "Pelo menos..." um processo afirmativo

A inscrição passa por várias edições e torna-se comum a utilização da afirmação “*Se flopar, pelo menos [...]*”. Esta aparece como um modo de defesa de si, como uma afirmação de si, à medida que mesmo que *flop*, ou seja, que a publicação seja um fracasso, ao menos aquele corpo é assim e continuará sendo, ou algo positivo irá acontecer por ele ser desta forma.

As edições tornam-se uma possibilidade de maleabilizar as inscrições e, espetacularizar-se, (auto)disciplinar-se e/ou defender a si.

## CONSIDERAÇÕES HIPERTEXTUALIZADAS

Percepto que a tecnologia da hipertextualização centra-se na possibilidade de descentralização dos corpos, de torna-los não linear, fragmentados, proliferados em múltiplos espaços e com possibilidades diversas de articulações e conexões. Esta tecnologia guia-se na operação de produções de inscrição de si, ou seja, na associação do corpo com dispositivos de inscrição que produzem o corpo-Eu como um ator semiótico, um artefato visual. Portanto, ao constituir a inscrição, fazê-la visível, o corpo-Eu transforma-se em enunciado e legitimado como fato-verdadeiro – visto que o processo transcricional remete à produção de um quadro de referências que possibilita uma rastreabilidade dos corpos.

Evidencio, no Vale, que este processo de inscrição, do mostrar-se, associa a possibilidade de edição do *inscripto*, visando responder aos anseios dos outros

corpos-Eus que relacionam-se com este, se espetacularizando; no instituir relações (auto)disciplinares, enquanto a inscrição é reconhecida por Outros e que o próprio corpo-Eu volta seu olhar para si; e, na possibilidade de uma defesa de si, voltada a atos afirmativos de sua (de)(re)composição.

## Referências

ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROS, Frédéric. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-38.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160

\_\_\_\_\_. **As verdades e as formas jurídicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: NAU, 2005.

\_\_\_\_\_. As técnicas de si. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos volume IX – Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 265 -296

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LATOURE, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: ROQUE, João Arriscado Nunes Ricardo (Orgs). **Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Afrontamento, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

\_\_\_\_\_. **Investigación sobre los modos de existência**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

\_\_\_\_\_. **A esperança de Pandora:** ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Editora UNESP, 2017

LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório:** a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas.** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **A vontade de poder.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

PORTO, Maria Vera Lúcia Pessoa. Dizer a verdade e confissão em Foucault. **Trilhas filosóficas**, n. 2, 2015, p. 43-55

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico:** a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

\_\_\_\_\_. **Show do eu:** a intimidade como espetáculo. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas.** São Paulo: Editora 34, 2002.

#### **Notas sobre o autor:**

**Alexandre Luiz Polizel** é professor de Educação Básica, Técnica e Tecnológica na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus de Campo Mourão. Doutorando e Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Filosofia pelo Centro Universitário de Araras (UNAR). E-mail: [alexandre\\_polizel@hotmail.com](mailto:alexandre_polizel@hotmail.com)

**Moises Alves de Oliveira** é professor do Departamento de Química da Universidade Estadual de Londrina. Orientador no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Coordenador do Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações. E-mail: [Moises@uel.br](mailto:Moises@uel.br)